

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Adherente à Associação Internacional
dos Trabalhadores

Resumos: Incluído o Suplemento semanal.
Lisboa, mes g/so; Província, 3 meses 28.50;
África Portuguesa, 6 meses 70.00; Estrangeiro,
6 meses 110.00.

QUARTA-FEIRA, 29 DE ABRIL DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 1971

Que querer dizer isto?

Levantada a censura, começam certos jornais a fazer revelações, ou talvez a inventar factos sensacionais. Entre essas informações figura a fornecida pelo sr. tenente Botelho Moniz, que tóda a gente imaginava que era um conservador, de que o movimento último não era conservador e, depois desta, estoutra mais curiosa ainda: o general Adriano de Sá, que bateu os revoltosos com a maior energia, estava metido no movimento.

A primeira informação, que nós sabemos não ser verdadeira, pelos elementos que entravam no movimento, principalmente sidonistas e monárquicos, faz-nos duvidar também da segunda. Custa-nos a acreditar que o general Adriano de Sá, exactamente pela forma como se houve na defesa da ordem, tivesse entendimentos revolucionários com a gente que se revoltou. Se assim tivesse sucedido, o facto era de tal gravidade que se imporia uma averiguação rigorosa a todos estes factos. Mas, mesmo colocado o governo no nosso ponto de vista de incredulidade da intervenção do sr. general Adriano de Sá, na conspiração, pelo que de assombroso isso representa, entendemos que há tóda a conveniência em que todos os factos sejam convenientemente esclarecidos, quando mais não seja para demonstrar que tudo isso não passa dum insinuação sem fundamento.

Não há o direito de lançar para a publicidade afirmações desta natureza, sem as documentar, de forma a não restar dúvida a ninguém da sua veracidade. Que se faça luz só tóda a verdade.

Trata-se apenas de diminuir o prestígio e a influência moral do homem a quem está confiada a manutenção da ordem? Pretende-se assim apenas atenuar a força e a ação militar para a hipótese de qualquer nova veleidade dos conservadores, que dizem não o ser, em vir para nova insurreição.

Tudo é possível. Mas o que é incontestável é que não pode deixar de se fazer luz sobre todos estes factos, seja a verdade contra quem for.

A atmosfera de suspeição, de incerteza, de insegurança, deve acabar, embora se corra o risco de apurar que alguma coisa há que possa empanhar o brilho dos actuais defensores da ordem e ter que se fazer uma seleção mais rigorosa, para evitar surpresas numa hora de perigo. E isto dizemos, porque somos, como tóda a população, interessados em que não voltem a repetir-se tentativas conservadoras como a última, e sobretudo se tiver probabilidades de triunfo.

Combates sangrentos em Paris

Comunistas contra nacionalistas

PARIS, 24.—Esta noite houve em Montmartre uma reunião eleitoral sob a presidência do deputado Faïtinger. Este tendo sido avisado de que se preparava um ambiente hostil à saída dos assistentes telefones para um outro "meeting" que estava sendo presidido por Millerand e pediu que viessem reforçar os seus amigos à saída.

Pouco depois, algumas centenas de homens armados e organizados militarmente foram chegando àquele bairro operário, com ar provocador, formados a quatro e quatro e de bengalas em punho.

Numa rua escura troca-se vivo tiroteio, tendo havido três mortos e uns oito feridos.

Na Câmara francesa

Inicia-se o debate sobre o conflito

Ao começar a sessão discutem-se as interrelações sobre o ataque cometido pelos comunistas ao verem-se provocados pelos jovens nacionalistas.

Faïtinger, à sua maneira, expõe à camara as circunstâncias do conflito. Diz que o atentado foi preparado pelos comunistas, tendo tomado parte nele numerosos estrangeiros.

Seguem-se vários oradores socialistas e da extrema direita que acusam os deputados comunistas de serem os culpados do ocorrido.

Cachim em seguida, ataca violentamente a Câmara dizendo que os operários do bairro foram provocados pela atitude hostil dos manifestantes e que apenas se defendem. — J. V.

A crise política belga

BRUXELAS, 28.—Masson comunicou ao que o congresso liberal se mostra absolutamente hostil à participação dos liberais no governo.

A BATALHA

EM 2.ª EDIÇÃO...

A "ÉPOCA" FEZ ONTEM A APOLOGIA DA REVOLTA CONSERVADORA

"Dum lado estavam o heroísmo e a nobreza, do outro a traição e a cobardia" — A apologia da evasão dos presos e uma acusação grave formulada sem provas

Se outras razões nos não movessem contra a censura, bastava o facto de estarmos desde o movimento revolucionário vencido iludidos com a Época para combatermos um inimigo que, cedendo ao entusiasmo, arranca a máscara para mostrar uma fisionomia torva de ódio.

Aquela Época mansa, sozegadinho, amiga da ordem era apenas obra de censura. Grande pressa teve aquela jornal em deixar para a máquina que mãos de militares lhe tinham afixado no rosto. Pressa tão grande que atirou ontem para a rua uma 2.ª edição para provar que aprovava a revolta, que lhe oferecia — como os reis magos a Cristo — o seu oiro, o seu incenso, a sua mirra. Unindo o útil ao agrado realizou um bom negócio pois por na rua um jornal com a composição já quasi tóda paga pela sua primeira tiragem. Aliouvi a alma e encheu o cofre. Conquistou melhor o seu lugar no céu e adquiriu para a viagem deserta vida ilusória, mas uns massinhos de céduulas.

O jornal — a 2.ª mercenária edição do jornal — publica tudo o que a censura lhe curtou: manifestos dos revoltosos, entrevistas com os revoltosos, cartas dos revoltosos, elogio aos revoltosos. Tudo isso contribui, segundo ela, "para levantar as pontas desses veus que encobre tanto nobreza e tanto traíção, tanto heroísmo e tanto combate".

O heroísmo e a nobreza estavam do lado dos revoltosos. Do lado oposto: a traição e a cobardia. Corolários pessimistas deve a Época tirar do resultado dum revolta que tendo, por si, o heroísmo e a nobreza, foi vencida pela traição e cobardia. Não se atreve a tirá-los pelo receio que tem de dizer que quando dois grupos de militares se batem com os apetrechos e os ensinamentos da caserna só vencem os que são traidores, só triunfam os que são cobardes. A essa afirmação não desce, por medo, que não por vergonha, o jornal católico-monárquico. Insinua o que é mais fácil porque não envolve perigo. E assim naquele jornal que se prestam culto à heroicidade e à nobreza...

Que dizem esses admiráveis manifestos que merecem uma 2.ª edição e tanto enternecer a folha de Deus e do rei? São ambos uma autêntica obra de mistificação escrita em grosseira prosa, em insolente linguagem. Os manifestos occultam cuidadosamente o pensamento tórrido dos dirigentes da revolta. Esse sr. Filomeno da Câmara que tanto pregou a ditadura, não teve coragem, nem mesmo diante dos canhões e das metralhadoras e das espardinhas que comandava, de confessar que o movimento apoia a ditadura, não teve coragem, nem mesmo diante das grades, a arrombar as portas, perfurar as paredes. Fugiu todos — em massa. Segui o conselho da Época — evadi-vos. A prisão, na primavera, é uma massada. E contai com os parentes e Elvas:

— Teriam fugido? — Perguntou um em-pregado da estação.

— Não — respondeu outro — estes não são de qualidade de fugir.

Rigorosamente verídico. Os srs. Raúl Esteves e Filomeno da Câmara não fugiram, nem se esconderam na legação de Espanha de posse de terrenos arvorados o lençolinho branco da rendição.

O sr. Botelho Moniz também não fugiu, evadiu-se da cadeia, o que é, como os leitores estão reflectindo, bastante diferente e antagónico...

Apreciamos como a Época, que tanto se indignou com as fugas de São Julião da Barra de pessoas que estavam ilegalmente presas, aplaude a fuga, perdoa a evasão, do sr. Botelho Moniz:

... Chegou-nos a notícia de que o seu sinatário sr. Jorge Botelho Moniz se ausentara de Elvas. Sendo a prisão, em plena primavera, uma respeitável massada é caso para não deixar de lhe darmos os parabéns.

Operários que vos encontrais nos infestos calabouços do governo civil, nos quartos-pocilhas do Limoero, nas salas mortais de Monsanto, presos de todas as prisões de Portugal, toca a serrar as grades, a arrancar as portas, perfurar as paredes. Fugiu todos — em massa. Segui o conselho da Época — evadi-vos. A prisão, na primavera, é uma massada. E contai com os parentes e Elvas.

Ainda os revoltos definidos pela Época.

O sr. Botelho Moniz acusa o general Adriano de Sá de ter combatido o movimento quando declarava estar com ele de alma e coração. Se isso fosse verdade seria um caso de duplidade que a largos comentários se prestava. Apenas, o sr. Botelho Moniz se esqueceu de aduzir uma única prova do que afirmava. E uma acusação desta ordem quando se fazem provas, não só coloca mal quem a formula como quem lhe dá publicidade. A Época entende que acusar sem provas não é uma calúnia, segundo a sua casuística jesuítica, em tudo digna das almas vis dos que se deliciam quando se tornam caluniadores.

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofría a hora da justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do Século, quando lá estivera ao serviço da moagem; que iria decifrar o enigma a rasão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrancando-lhe o velo duvidoso que a encobre, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos domínios ultramarinos. Mais não. O sr. Cunha Leal limitou-se a prometer revelações sensacionais, como prometeu ácerca do Século quando a Moagem o pôz por, por indecente e má figura. Ainda desta vez não há de haver novidade, como da outra não houve, afinal, nem uma só palavra contra a Moagem que "queria comprar a peso de ouro a sua cumplicidade e o seu silêncio", conforme declarou a vítima numa sessão do Congresso Nacionalista, em que foi muito aplaudido.

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofría a hora da justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do Século, quando lá estivera ao serviço da moagem; que iria decifrar o enigma a rasão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrancando-lhe o velo duvidoso que a encobre, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos domínios ultramarinos. Mais não. O sr. Cunha Leal limitou-se a prometer revelações sensacionais, como prometeu ácerca do Século quando a Moagem o pôz por, por indecente e má figura. Ainda desta vez não há de haver novidade, como da outra não houve, afinal, nem uma só palavra contra a Moagem que "queria comprar a peso de ouro a sua cumplicidade e o seu silêncio", conforme declarou a vítima numa sessão do Congresso Nacionalista, em que foi muito aplaudido.

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofría a hora da justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do Século, quando lá estivera ao serviço da moagem; que iria decifrar o enigma a rasão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrancando-lhe o velo duvidoso que a encobre, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos domínios ultramarinos. Mais não. O sr. Cunha Leal limitou-se a prometer revelações sensacionais, como prometeu ácerca do Século quando a Moagem o pôz por, por indecente e má figura. Ainda desta vez não há de haver novidade, como da outra não houve, afinal, nem uma só palavra contra a Moagem que "queria comprar a peso de ouro a sua cumplicidade e o seu silêncio", conforme declarou a vítima numa sessão do Congresso Nacionalista, em que foi muito aplaudido.

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofría a hora da justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do Século, quando lá estivera ao serviço da moagem; que iria decifrar o enigma a rasão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrancando-lhe o velo duvidoso que a encobre, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos domínios ultramarinos. Mais não. O sr. Cunha Leal limitou-se a prometer revelações sensacionais, como prometeu ácerca do Século quando a Moagem o pôz por, por indecente e má figura. Ainda desta vez não há de haver novidade, como da outra não houve, afinal, nem uma só palavra contra a Moagem que "queria comprar a peso de ouro a sua cumplicidade e o seu silêncio", conforme declarou a vítima numa sessão do Congresso Nacionalista, em que foi muito aplaudido.

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofría a hora da justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do Século, quando lá estivera ao serviço da moagem; que iria decifrar o enigma a rasão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrancando-lhe o velo duvidoso que a encobre, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos domínios ultramarinos. Mais não. O sr. Cunha Leal limitou-se a prometer revelações sensacionais, como prometeu ácerca do Século quando a Moagem o pôz por, por indecente e má figura. Ainda desta vez não há de haver novidade, como da outra não houve, afinal, nem uma só palavra contra a Moagem que "queria comprar a peso de ouro a sua cumplicidade e o seu silêncio", conforme declarou a vítima numa sessão do Congresso Nacionalista, em que foi muito aplaudido.

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofría a hora da justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do Século, quando lá estivera ao serviço da moagem; que iria decifrar o enigma a rasão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrancando-lhe o velo duvidoso que a encobre, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos domínios ultramarinos. Mais não. O sr. Cunha Leal limitou-se a prometer revelações sensacionais, como prometeu ácerca do Século quando a Moagem o pôz por, por indecente e má figura. Ainda desta vez não há de haver novidade, como da outra não houve, afinal, nem uma só palavra contra a Moagem que "queria comprar a peso de ouro a sua cumplicidade e o seu silêncio", conforme declarou a vítima numa sessão do Congresso Nacionalista, em que foi muito aplaudido.

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofría a hora da justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do Século, quando lá estivera ao serviço da moagem; que iria decifrar o enigma a rasão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrancando-lhe o velo duvidoso que a encobre, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos domínios ultramarinos. Mais não. O sr. Cunha Leal limitou-se a prometer revelações sensacionais, como prometeu ácerca do Século quando a Moagem o pôz por, por indecente e má figura. Ainda desta vez não há de haver novidade, como da outra não houve, afinal, nem uma só palavra contra a Moagem que "queria comprar a peso de ouro a sua cumplicidade e o seu silêncio", conforme declarou a vítima numa sessão do Congresso Nacionalista, em que foi muito aplaudido.

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofría a hora da justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do Século, quando lá estivera ao serviço da moagem; que iria decifrar o enigma a rasão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrancando-lhe o velo duvidoso que a encobre, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos domínios ultramarinos. Mais não. O sr. Cunha Leal limitou-se a prometer revelações sensacionais, como prometeu ácerca do Século quando a Moagem o pôz por, por indecente e má figura. Ainda desta vez não há de haver novidade, como da outra não houve, afinal, nem uma só palavra contra a Moagem que "queria comprar a peso de ouro a sua cumplicidade e o seu silêncio", conforme declarou a vítima numa sessão do Congresso Nacionalista, em que foi muito aplaudido.

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofría a hora da justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do Século, quando lá estivera ao serviço da moagem; que iria decifrar o enigma a rasão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrancando-lhe o velo duvidoso que a encobre, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos domínios ultramarinos. Mais não. O sr. Cunha Leal limitou-se a prometer revelações sensacionais, como prometeu ácerca do Século quando a Moagem o pôz por, por indecente e má figura. Ainda desta vez não há de haver novidade, como da outra não houve, afinal, nem uma só palavra contra a Moagem que "queria comprar a peso de ouro a sua cumplicidade e o seu silêncio", conforme declarou a vítima numa sessão do Congresso Nacionalista, em que foi muito aplaudido.

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofría a hora da justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do Século, quando lá estivera ao serviço da moagem; que iria decifrar o enigma a rasão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrancando-lhe o velo duvidoso que a encobre, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos domínios ultramarinos. Mais não. O sr. Cunha Leal limitou-se a prometer revelações sensacionais, como prometeu ácerca do Século quando a Moagem o pôz por, por indecente e má figura. Ainda desta vez não há de haver novidade, como da outra não houve, afinal, nem uma só palavra contra a Moagem que "queria comprar a peso de ouro a sua cumplicidade e o seu silêncio", conforme declarou a vítima numa sessão do Congresso Nacionalista, em que foi muito aplaudido.

Quem visse o sr. Cunha Leal correr com tal alvoroço para o parlamento talvez pensasse que na consciência deste talentoso homem público sofría a hora da justiça. Houve mesmo quem dissesse para consigo — enganando-se, infelizmente — que o sr. Cunha Leal ia explicar os motivos porque se calara tão depressa após a sua saída do Século, quando lá estivera ao serviço da moagem; que iria decifrar o enigma a rasão das posses monetárias que o habilitaram a comprar um prédio; que iria tornar clara, arrancando-lhe o velo duvidoso que a encobre, a sua viagem, em tão suspeita companhia, aos nossos dom

adiado, entrará em discussão sobre as mesmas bases.

Por motivo da eleição do marechal Hindenburgo os valores franceses e alemães tiveram grandes baixas nos mercados americanos.

Os jornais italianos mostram-se apreensivos por motivo da eleição do novo presidente da república alemã.

As esperanças dos monárquicos

BERLIM, 28.—As mulheres com direito a voto votaram no marechal Hindenburgo. Nos meios nacionalistas é enorme o entusiasmo, propõendo estes e os monárquicos tratar imediatamente da questão da modificação das cores da bandeira.

Contudo, o bom senso do marechal Hindenburgo não dá lugar a que se contuem propagando os boatos de que o regresso do imperador é uma questão de dias e que em breve a Polónia vai ser invadida.

Os jornais franceses dizem que a eleição para a presidência da República alemã do comandante em chefe do exército alemão durante a guerra mostra que na Alemanha persiste o desejo de revanche.

A impressão produzida nos meios belgas

BRUXELAS, 28.—A notícia da eleição do marechal Hindenburgo, para a presidência da República alemã causou, nesta cidade grande estupefação. A-pesar da população belga não considerar a Alemanha como uma verdadeira República, no entanto nunca se supôs que fosse eleito para a suprema magistratura um dos chefes militares mais em evidência.

A impressão geral em todos os círculos políticos e de opinião é péssima.

A bandeira imperial flutua em Potsdam

BERLIM, 28.—Os monárquicos têm feito extraordinárias ovacões perante a residência de Hindenburgo. A bandeira imperial flutua pela primeira vez em Potsdam depois da guerra. O marechal Hindenburgo respondendo às congratulações que lhe foram dirigidas, disse: Deus permita que todos os ódios entre partidos, terminem, e que o povo alemão se convença de que só a unidade dà força.

IMPRENSA

Revista de moagem e panificação

Recebemos o n.º 2 desta revista que entre outras contém uma secção técnica, tratando neste número "A trituração do trigo e o aproveitamento da estrigação dos cíndrios", secção comercial e estatística, informações.

Continua com óptimo aspecto gráfico e colaboração variada.

FAMÍLIA INFELIZ

Mão e filha queimadas e um filho em riscos de afogar-se

Na sala de observações do hospital de S. José deu entrada em estado grave Aligia da Silva, 14 anos, moradora na Quinta do Armador, em Chelas, horrivelmente queimada por se lhe ter pegado ao fato o lume do fogareiro.

A mãe, Francisca da Silva, ficou queimada nos braços quando acudiu à filha. Recebeu curativo no Banco e seguiu para casa.

O pai, José António, havia momentos antes de sair de casa para acudir a um seu filho de 19 anos, Celestino da Silva, que esteve prestes a afogar-se na fábrica de tijolo de Chelas, onde trabalha.

Rendimentos dos operários

Deois de pensado no posto da Cruz Vermelha no Calvario, recolheu à enfermaria n.º 2 do Hospital do Desterro, José Fernandes, de 15 anos, natural da Guarda, picador de navios, residente na Estradeira de Cima (barracas) e que quando trabalhava a bordo do vapor "Amarante" da Companhia União Fábril, em reparação na doca de Alcântara, caiu ao porão, fracturando a perna esquerda e ficando muito ferido no resto.

No Banco do Hospital de S. José recebeu curativo e recolheu à casa, Julio Delgado, de 21 anos, natural de Madrid, metárgico, residente na rua da Vitoria, 73, 5.º que nas oficinas metalúrgicas de Costa Delgado & Companhia, Limitada, na rua dos Industriais, foi colhido por uma corrente de uma máquina, ficando com o braço esquerdo fracturado.

A enfermaria de Santo Antônio, recolheu Antonio da Cunha Viana, de 50 anos, carpinteiro, natural de Condorim, morador na travessa do Bahuto A.P.V que, em Santa Apolonia, foi colhido pela carroça de que era condutor, ficando com a perna direita fracturada.

São Carlos

É amanhã que a espirituosa comédia O SINAL DE ALARME reaparece neste teatro, o que indica que o elegante teatro vai estar "au grand complet" não podendo com certeza comportar quantos hão de lá querer ir aplaudir a ilustre artista Lucília Simões que como se sabe, interpreta admiravelmente a protagonista da encantadora peça.

ESPERANTO

S. U. Metalúrgico.—Começou ontem a aula de esperanto, com um grande número de alunos.

Nova Vojó.—Sociedade Esperantista Operária.—Reúne às 21 horas, o curso prático e a comissão administrativa, devendo comparecer o cobrador.

TEATRO APOLÓ

TIROLIRO

HOJE

às 9,30 da noite

a sugestiva revista, onde além de apresentar deliciosos cenários se vê um automóvel conduzindo dois espírituosos enamorados

Magnífico desempenho

Música lírica de Colopido

DESASTRE NO RIO

Uma explosão a bordo dum barco da polícia marítima deixa feridos quatro tripulantes

No Tejo, em serviço de fiscalização, andava ontem de manhã uma gazoilina da Policia Marítima, há pouco adquirido pela Capitanía. Pelas 9 e meia horas, como o motor não fôsse funcionando regularmente, o seu motorista, Carlos Isaque, de 28 anos, natural de Lisboa e residente na travessa do Alcâade, tentou remediar a avaria, mas quando procedia a esse trabalho, em frente da Ribeira Nova, explodiu o carbonário, incendiando-se o barco. A sua tripulação que se compunha do referido motorista, do mestre Joaquim Carapuça, de 47 anos, rua Castelo Branco Saraiça, 1, 3.º, de mar José Joaquim, de 31 anos, rua do Passadiço, 29 e do marinheiro da Policia Marítima José Conceição Rodrigues, de 31 anos, rua Luciano Cordeiro, 3, 1., ficou todos com várias queimaduras pelo rosto, pernas e braços. Os três últimos, lançaram-se ao rio, o que não fez o motorista por não saber nadar. Acudiram vários barcos que próximo se encontravam do Arsenale e de vários navios ali fundeados enquanto eram reclamados os socorros para a Cruz Vermelha e Bombeiros tendo ali comparecido imediatamente os autos daquela Sociedade n.º 9 e 4, guindados pelos "chaufeurs" Ferreira e Coutinho, e vários material e pessoal de serviço de incêndios. Transportados os feridos para terra em quanto se tratava de extinguir o fogo, foi Isaque conduzido ao hospital de São José, de onde depois de pensado no Banco foi transportado num auto da Cruz Vermelha para casa. Os restantes feridos foram receber curativo ao posto da Cruz Vermelha no Terreiro do Paço, onde foram pensados pelo enfermeiro Parreira, sendo depois conduzidos num auto daquela Sociedade, ao Hospital da Marinha, onde recolheram.

A impressão produzida nos meios belgas

BRUXELAS, 28.—A notícia da eleição do marechal Hindenburgo, para a presidência da República alemã causou, nesta cidade grande estupefação. A-pesar da população belga não considerar a Alemanha como uma verdadeira República, no entanto nunca se supôs que fosse eleito para a suprema magistratura um dos chefes militares mais em evidência.

O impressionante produzido nos meios belgas

BRUXELAS, 28.—A notícia da eleição do marechal Hindenburgo, para a presidência da República alemã causou, nesta cidade grande estupefação. A-pesar da população belga não considerar a Alemanha como uma verdadeira República, no entanto nunca se supôs que fosse eleito para a suprema magistratura um dos chefes militares mais em evidência.

A impressão geral em todos os círculos políticos e de opinião é péssima.

A bandeira imperial flutua em Potsdam

BERLIM, 28.—Os monárquicos têm feito extraordinárias ovacões perante a residência de Hindenburgo. A bandeira imperial flutua pela primeira vez em Potsdam depois da guerra. O marechal Hindenburgo respondendo às congratulações que lhe foram dirigidas, disse: Deus permita que todos os ódios entre partidos, terminem, e que o povo alemão se convença de que só a unidade dà força.

IMPRENSA

Revista de moagem e panificação

Recebemos o n.º 2 desta revista que entre outras contém uma secção técnica, tratando neste número "A trituração do trigo e o aproveitamento da estrigação dos cíndrios", secção comercial e estatística, informações.

Continua com óptimo aspecto gráfico e colaboração variada.

APOLÓ

A revista TIROLIRO deu ontem nova encheria. É pega que a todos agrada pela multiplicidade das suas graciosas e pitorescas escenas interpretadas por um exame de actrizes cheias de moide e vivacidade.

O menor João Baptista trabalha na Escola de Reforma, em S. Domingos de Benfica.

Ontem, como de costume, dirigia-se para sua casa, pella serra de Monsanto quando inesperadamente apareceu uma patrulha da guarda republicana que o prendeu por, segundo nos dizem, estar cantarolando.

Conduziu para o posto de Monsanto o menor João Baptista, que ficou todo rascagado e com vários ferimentos no corpo.

Mais tarde transitou para esquadra de Benfica e dali para o governo civil onde o internaram no calabouço n.º 1, depois de receber curativo no respectivo posto.

Deviam ser galardoados, como merece o seu gesto, os heróis desta façanha.

AGREMIAÇÕES VARIAS

Grupo Dramático 1.º de Maio de Tiros. Iniciam-se amanhã, devendo terminar na sexta feira, as festas comemorativas do 6.º aniversário desta coletividade, que têm o seguinte programa:

Dia 30 (as 9 horas). 1.ª parte. Apresentação do novo Grupo Musical sob a regência do seu maestro Alvaro Santos, que executaria o hino 1.º de Maio e o hino do Grupo.

2.ª parte. "As provas do crime", drama em 3 actos. 3.ª parte. "Uma casa de estrofes", comédia em 1 acto. 4.ª parte. Estreia de um novo orçamento composto de gentis meninas deste lugar que executarão lindas canções sob a regência do seu maestro Alvaro Santos.

Dia 1 (as 6 horas). Alvorada pelo Grupo Musical sendo dada uma salva de 21 morteiros; (as 13 horas), inauguração da bandeira e saída do Grupo cumprimentando as suas congeneres do Murtal e Caparide; (ás 16 horas), sessão solene promovida pelo Sindicato em que farão uso da palavra delegados da Confederação e Federação; (ás 21 horas), chegada do Grupo Recreativo Murtalense onde virão tocando em conjunto para domingo, 10 de maio, a "matinée" de homenagem a Avelino de Sousa.

Em liberdade

Foi já posto em liberdade José Gomes Pereira, "Avante", a pesar das acusações de rocambolecas feitas a que os jornais deram publicidade.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

A festa de Avelino de Sousa

Em virtude da empresa do teatro de S. Luís ser forçada a dar "matinée" no próximo domingo com a companhia de Maurício Chevalier, fica definitivamente transferida para domingo, 10 de maio, a "matinée" de homenagem a Avelino de Sousa.

RECLAMES

Constituiu um triunfo para a poetisa Fernanda de Castro, a estreia da sua peça "Naufragos" ontem à noite no Nacional.

Despedem-se hoje, no Eden Teatro, do público de Lisboa, as quatro "girls" inglesas, que tanto exito obtiveram é as artistas espanholas Marina Sierra e Pilar Neira, fechando o espectáculo a Companhia dos Bailados Russos, que amanhã faz as suas despedidas, realizando todo o espectáculo, com um programa monstruoso.

Continua em pleno sucesso, no teatro Apolo, a magnifica revista "Tirolito" que está levando encherias consecutivas, mercê do seu magnifico desempenho, da sua graça e da sua linda música. A interessante revista repete-se hoje.

EDIÇÕES SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 250.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 500.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. (Desconto aos revendedores).

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático "Solidariedade Operária".—Previnem-se os sócios e organismos convidados que a festa anunciada para o dia 29 do corrente, ficou para o dia 10 de Maio às 20 horas.

AOS COLECCIONADORES DE "A SUPLEMENTO DE A BATALHA"

Previnem-se os colecionadores de "A suplemento de A Batalha" que se estão preparando umas capas artísticas e um índice que veio melhorando consideravelmente esta preciosidade editorial.

Aqueles que desejem adquirir as referidas capas e índice, devem desde já fazer as suas reunições, a fim de se poder regular a tiragem.

Brevemente haverá também coleções do 1.º para a venda, formando um volume de cerca de 400 páginas, optimamente encadernado em percalhma, com um índice de todas as matérias contidas, para fácil consulta das centenas de fórmulas e receitas, e de variadíssima colaboração com centenas de gravuras.

FEIRA DE BENEFICÊNCIA EM ALGÉS

Está já tomados os principais talhões para a feira de beneficência promovida pela Câmara Municipal, a favor dum pequeno Asilo-Hospital, estando já em construção várias barracas e começando ainda esta semana a construção das restantes, entre elas um grande animatógrafo, teatro de variedades e dois "carrosséis" eléctricos, além de grande número de barracas de tiro ao alvo, restaurantes, etc.

Não só pelo pitoresco do local no magnífico Bairro Soares, como pelas facilidades dispensadas pela Câmara Municipal de Oeiras, está esta feira destinada a grande êxito, devendo atraír a Algés milhares de forasteiros aos quais dispensarão sempre as maiores comodidades.

A inauguração da feira realizar-se-há preferivelmente no próximo dia 14 de Maio, devendo a ela assistir várias entidades oficiais, que para o efeito vão ser convidadas.

ESPERANTO

S. U. Metalúrgico.—Começou ontem a aula de esperanto, com um grande número de alunos.

Nova Vojó.—Sociedade Esperantista Operária.—Reúne às 21 horas, o curso prático e a comissão administrativa, devendo comparecer o cobrador.

TIROLIRO

HOJE

às 9,30 da noite

a sugestiva revista, onde além de apresentar deliciosos cenários se vê um automóvel conduzindo dois espírituosos enamorados

Magnífico desempenho

Música lírica de Colopido

HOJE

às 9,30 da noite

Acaba de aparecer:

Três aspectos da Revolução Russa

Por Emile Vandervelde

Preço: 500

A venda na administração de A Batalha e nas livrarias

TIROLIRO

HOJE

às 9,

Teses a apresentar à Conferência Inter-Sindical do Algarve

A Solidariedade e a Organização Operária

Presados camaradas:

Que a solidariedade deve ser o fulcro de toda a força da organização operária ou seja do sindicalismo, demonstra-nos dumra forma exuberante e incontrovertida a grande mestria do homem, a Natureza, por exemplo que têm tanto de belos e tocantes, como de convincentes e sugestivos.

Unem-se por instinto, nos desampados, alguns quadrúpedes, como o cavalo e o boi, para se defenderem dos lobos, que também se unem para o ataque, associam-se alguns roedores, como o castor, na edificação das suas habitações e na defesa contra as intempéries; ajudam-se algumas aves, como os andorinhões, para se transportarem a grandes distâncias e para libertar qualquer compatriota, vítima de traição ou acidente; substituem-se alguns primatas, como os chimpanzés na amamentação dos abandonados orfãos da sua espécie, juntam-se, finalmente, os burgueses e os patrões calçando e esquecendo odios ou intrigas e incompatibilidades irreductíveis para mais facilmente defendem privilégios, explorar os esmagadores trabalhadores.

Já não é só no reino animal que a Natureza indica aos oprimidos o caminho mais curto e seguro para a sua felicidade. Também no reino vegetal as lições de luta e solidariedade são videntes e exortadoras.

Plantas há, por exemplo os filários, que expõem os seus limbos ao sol para se livrarem da sua ardência demasiada afraçando ainda as suas respirações e cobrindo-se dumha epiderme expessa, a fim de eliminar a sua evaporação; outras há, que para não morrerem de sede, segregam nas suas folhas substâncias voláteis e sais, higroscópicos a fim de irem buscar ao ar das zonas desérticas o poncio vapor de água nele confido; outras, finalmente, associam-se num tal ância de liberdade e vida que conseguem, a-pesar-dela fraqueza, erguer-se acima do lodo onde morreriam asfixiadas!

E se olharmos para as coisas com olhos de análise poderemos ainda descobrir nos seres inanimados provas tais de solidariedade que, só por si, bastariam para demonstrar axiomáticamente que da união, e só dela, há de brotar a emancipação da humanaidade.

Compare-se a fragilidade do homem isolado com a fraqueza do delgado fio de linho que forma o grosso virador e teremos na grande resistência d'este a mais irrefutável, a mais sugestiva demonstração do valor da união que a qualquer de nós é dado observar.

Como se vê, tudo se une, tudo se coliga para vencer os mil obstáculos, quer naturais quer artificiais, antepostos ao bem estar e felicidade dos seres animados. Só o operário—magos dizê-lo—por vezes esquece-se de todas as tiranias e opressões que sobre ele pesam como chumbo, que toda a desdita que o martiriza e opprime, que, numa palavra, toda essa desigualdade que dèle faz um páris e um farapo, ora simplesmente desprazado, ora odiado e coidado, cairá um dia em que entre a grande família trabalhadora a solidariedade cons-

ciente seja um facto, porque nesse dia estará feita a emancipação, não dèle mas de todos os seres humanos.

E' tempo de nos convencermos de vez que o homem, por mais forte e valoroso,

uma vez isolado, é simples folha que o vento leva, é frágil vergonha que o tem-

poral da vida faz vergar ou quebrar.

Injusto seria, porém, negar os esforços empregados pela organização operária, no sentido de se desenvolver o princípio da solidariedade bem como alguns benefícios desses esforços colhidos, que se não são completos só, pelo menos, animadores.

Mas enquanto essa causa primordial da desgraça humana—o dinheiro—continuar a ser a alma de bem estar material, por assim dizer um dos estíos sobre que tem de assentear a solidariedade material, dentro, é claro, do sistema burguês que nos impõe, por uma minoria tão audaciosa, como ridicula, escudada na força dos oprimidos tão desgraçados como nós, sistema este que, para desgraça e vergonha nossa, ainda perdura, remédio não há senão encarar de modo práctico e positivo o problema, procurando valer de maneira eficaz e digna a todos aqueles dos nossos que pela causa comprometem não só a sua manutenção como a dos seus, a sua liberdade, e, às vezes, até a própria vida.

O apoio material que até hoje se tem dispensado às vítimas da causa é não só insuficiente, mas por vezes vexatório. Muitos e bons elementos temos conhecido que ao verem-se desamparados de auxílio material, nos momentos mais críticos da sua vida de lutadores, não podem ocultar o seu desalento, acompanhado quase sempre dum retrairo, senão afastamento, sempre prejudicial à organização.

Poder-se-há censurar tal fraqueza. Mas tememos nós a força moral para o fazer sempre. Porque é necessário nunca esquecer que, dentro do sistema estabelecido, a força moral do sacrificado deve ter por base aquela meia independência trazida pelo vil metal. E se o sacrificado tem família, então o argumento toma valor múltiplice quando se consideram os dificuldades materiais que vêm juntar-se ao sofrimento moral, sempre dominador e imperioso.

7.—Só camaradas sindicados e necessitados residentes no Algarve, poderão ser subsidiados, devendo ser sempre o respectivo sindicato a aprovar e a apresentar a competente proposta.

6.—Acidentalmente poderá ser auxiliado qualquer camarada estranho aos sindicatos contribuintes uma vez que prove ser sindicado e necessitado e que o subsídio seja aprovado por maioria absoluta de votos.

7.—Os fundos das caixas sindicais serão depositados, na sua totalidade, na Caixa Geral dos Depósitos, sendo todos os subsídios pagos por cheques, assinados pelos respectivos gerentes e tesoureiros.

8.—Os organismos aos quais estiverem entregues a administração das caixas sindicais só obrigarão a fazer publicar mensalmente em *"A Batalha"* um balancete bem explícito pelo qual todos os interessados possam avaliar do movimento e estado financeiro da sua caixa.

9.—Qualquer caixa sindical poderá auxiliar qualquer das suas congêneres, em caso de força maior e necessidade bem justificada pelo interesse geral da organização.

10.—Quando os subsídios pagos por qualquer sindicato atinja no final de cada trimestre, um montante igual a 50% do rendimento normal da caixa, ficará esse sindicato obrigado, ou por meio de estatutos, rifas, ou quaisquer outros meios, sempre dentro dos princípios sindicais, a procurar suavizar o desembolso pelo mesmo provocado.—*A União dos Sindicatos de Portimão*.

7.—Aquele de insuficiente pela falta de continuidade equitativa, é quasi sempre vexatório, para quem a recebe e injusta para quem dá, pois que vem, por via de regra, recarregar sobre a minoria consciente dos sindicados—a eterna sacrificada.

O egoísmo dos trabalhadores opõe-se ao robustecimento da organização operária

São várias as causas que contribuem para o desmantelamento em que a maioria da organização operária do Algarve se encontra.

Uma, porém, das que mais influência têm reside na forma como a maioria dos operários interpretam e apreciam as questões colectivas e sociais. Esta maioria esmagadora de indivíduos geralmente é do campo. São camponeses que no desejo de ganhar mais cobrem invadindo todos os centros industriais, abandonando as suas localidades e muitas vezes os seus mestres, para se dedicarem a outros na mira de maiores ganhos. Estes indivíduos nada sentem e nada mais desejam de que ganhar dinheiro.

O Sindicato para eles só tem um prémio: reclamar aumento de salário. E' poiso, o egoísmo que os leva ao seio da organização operária.

E quantas vezes no meio de graves movimentos, por essas questões os militantes que sentem a grandeza do movimento têm ficado a sós impossibilitados de meter os traidores na ordem.

E' o egoísmo, a ansia de possuir o céu e a terra que guia a consciência desses indivíduos. E assim tem-se perdido bastantes movimentos porque a maioria das classes operárias do Algarve, em muitas localidades, é composta de trabalhadores do campo que uma vez em luta se deixam ficar em casa semear as favas, cavando as lignueiras etc., etc.

E nesta altura os traidores, esperitando o momento propício observam que não há força suficiente para os conter.

E só depois de tudo terminado, quer seja com a vitória ou derrota, é que indiferentes regressam à vila ou cidade. Mas quando regressam já não sabem onde existe o sindicato, confundem o centro para trabalhar, mas não conhecem o sindicato para pagar a cotisação.

E desta forma fácil será depreender que para esta espécie de indivíduos a questão social não lhes merece atenção.

O sofrimento humano para eles é completamente desconhecido, só o sentem e o sabem avaliar quando os vários fenômenos sociais os atingem diretamente e então, nesses momentos, é que reconhecem o sindicato e o procuram.

E' o desejo de nunca se quererem comprometer ou serem vistos nesta ou naquela comissão pelo patrão, mestre ou encarregado do trabalho. Razão porque o carnicista sofre as maiores privações porque o capitalista, que também estuda a maneira de triunfar da situação, compreende-se de que o egoísmo dos operários é a sua maior força.

Neste momento, em que a crise de trabalho avassala o país de norte a sul, é que se analisa bem o carácter desses operários. O sindicato já não lhes merece consideração nenhuma; e cono assim pensam arranjarem uma forma de ter sempre trabalho, forma que consiste em a maioria vezes por outras obsequiar os aglomeradores de trabalho com presentes de favas, ervilhas, etc., enquanto que eles, trabalho e alimentar-se de figos e água. E assim que se explica a razão porque nalguns pontos do Algarve a burguesia tem conse-

guido baixar os salários. E' com a maior facilidade que o tem conseguido porque uma vez provocada a crise aparece a abundância de braços. Então o egoísmo do trabalhador do campo fá-lo esquecer da situação dos seus camaradas que vivem na vila ou cidade. E oferece-se para trabalhar pelas condições que o patronato lhes apresenta. Isto pela razão simples de que na sua maioria, salvo raras exceções, todos têm para comer. E' como assim é, todo o salário que auferir é ganho, motivo porque preferem trabalhar com o salário diminuído do que andar a passar. Assim constata-se que o maior inimigo que se opõe ao robustecimento da organização operária algarvia é o egoísmo dos próprios trabalhadores.

4.—Encetar-se desde já, por todas as pequenas localidades, povos ou aldeias pelo panfleto e pela tribuna uma intensa propaganda da causa social e de todas as questões morais que se prendam com a organização operária;

5.—A criação na sede de uma biblioteca para todas as classes operárias e para todo o público em geral;

6.—Que a delegação confederal tome isso a seu cargo;

7.—Que, se a mesma não existir, a conferência de comum acordo com a C.G.T. trate da sua constituição.

Olhão, 4 de Abril de 1925.—O relator, Manuel Teodoro.

CHAPEUS PARA SENHORA

EM SEDA 8\$00

Cascos em TAGAL a PICOL em todas as cores a 35\$00

Transformações por PREÇOS SEM COMPETENCIA

OFICINA LISBONENSE

DE

JOSE PEREIRA DA SILVA

Calçada do Garcia, 18

(por cima da casa de Fogões)—ROCIO

ELECTRICISTAS

Bom material. Preços muito reduzidos

Comprem na

ELECTRIFICADORA

130, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 123

CAMAS E COLCHÕES

ninguém vende mais barato

RUA POIAIS DE SÃO BENTO, 37

OURO MAIS BARATO

Vende a Ourivesaria A. M. NEVES

RUA DOS ANJOS, 26

(em frente à Calçada Conde D. Pedro)

Da sua magnifica exposição que constitui um belo sorrido de CADEIAS, CORDÕES, BRINCOS e mais objectos próprios para BRINDES.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metáis Auer, assim como rodas ócias e maccias, tubos, molas, chaminés de 2 e 5 peças, tampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (a casa que tornou em melhores costeiros).

Françisco de Oliveira

Uma comissão de operários do Bairro Económico da Ajuda convidou todo o pessoal do referido Bairro, bem como todos os operários da indústria, que o possam fazer, a acompanhar o funeral do encarregado daquela obra Francisco de Oliveira, saíndo o péssemo da rua da Amendoeira, 6, 2.º, pelas 15 horas de hoje, para o cemitério oriental. O funeral é dirigido pelos caminhadas Barata e Olímpio de Andrade.

Este funeral será depreender que para esta espécie de indivíduos a questão social não lhes merece atenção.

O sofrimento humano para eles é completamente desconhecido, só o sentem e o sabem avaliar quando os vários fenômenos sociais os atingem diretamente e então, nesses momentos, é que reconhecem o sindicato e o procuram.

E' o desejo de nunca se quererem comprometer ou serem vistos nesta ou naquela comissão pelo patrão, mestre ou encarregado do trabalho. Razão porque o carnicista sofre as maiores privações porque o capitalista, que também estuda a maneira de triunfar da situação, compreende-se de que o egoísmo dos operários é a sua maior força.

Neste momento, em que a crise de trabalho

avassala o país de norte a sul, é que se analisa bem o carácter desses operários. O sindicato já não lhes merece consideração nenhuma; e cono assim pensam arranjarem uma forma de ter sempre trabalho, forma que consiste em a maioria vezes por outras obsequiar os aglomeradores de trabalho com presentes de favas, ervilhas, etc., enquanto que eles, trabalho e alimentar-se de figos e água. E assim que se explica a razão porque nalguns pontos do Algarve a burguesia tem conse-

A BATALHA

MARCO POSTAL

Panoias.—J. A. C.—Assinatura paga até 30 de Abril.

Extremoz.—Agente.—Recebida liquidada.

Tunes.—M. S.—Recebidos 80\$40. Assinatura paga até 31 de Dezembro.

Póvoa de Varzim.—Agente.—Recebido 10\$80.

Marinha Grande.—S. U. Manipuladores de Vidraça.—Segue hoje pelo caminho dos logaritmos dos números 1 a 10000, por GUILLERMO IVENS FERREIRA.

1 volume de cerca de 300 páginas, encadernado em percalina 13\$00

Aritmética prática

Numeração e operações sobre números inteiros, quebrados e decimais; composição de números e equações numéricas; números complexos; sistema métrico; regras de três e conjunta; regra de cálculo; anuidades; tábua de logaritmos dos números 1 a 10000, por CASTRO.

1 volume de 320 páginas, encadernado em percalina 15\$00

Desenho de máquinas

Utensílios de desenho e sua aplicação; convenções de traços e cores; escalas dos desenhos; cortes e secções; colas e dimensões; esboços contados; execução e disposição dos desenhos; aquarelas e tintas, letrinhas, ilustrações ampliadas, descrição de diversos metais; exercícios de desenho à vista, desenho rigoroso, indicações práticas e proporções de diversos órgãos de máquinas, tabuletas, etc., por TOMAS BORDALO PINHEIRO.

1 volume de 340 páginas, formato 16×22 encadernado em percalina 25\$00

Material agrícola

Matérias primas de construção; conservação do material agrícola; trabalhos culturais; ferramenta agrícola para a pequena cultura; revolvimento da terra; cultura de plantas; colheitas; preparação dos produtos; tratamento das plantas; aparelhos agrícolas; para a cultura mediana; charreus de revolvimento fixo, alternado, duplo, especiais; tração das charreus; máquinas agrícolas para a grande cultura; debulha; enfardamento de palha; preparação de comida para o gado; elevação de águas; motores agrícolas e transformação de produtos agrícolas, por H. FRANCIM DA SILVEIRA.

1 volume de 270 páginas, encadernado em percalina 13\$00

Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor

Gerador de vapor; tipos diversos de caldeiras; detalhes, acessórios e aparelhos auxiliares das caldeiras; nomenclatura detalhada das máquinas de vapor em geral; diferentes tipos de máquinas de vapor terrestres e marítimas, por ANTONIO JOAQUIM DE LIMA E SILVA.

1 volume de 280 páginas, encadernado em percalina 13\$00</

A BATALHA

"A VOZ DO OPERÁRIO"

Os mortos mandam

A sociedade reentra nas funções para que os seus fundadores a instituíram

Não são de carácter ancestral propriamente ditas as considerações que nos sugeriu a festa infantil realizada no último domingo nest Sociedade, mas de regresso aos sãos princípios de solidariedade social que os seus fundadores lhe imprimiram.

Dirigida por humanos, impulsionados mais por sentimentos individuais do que integrados no espírito colectivo, há anos que nas festas da Sociedade se reflectia a influência de nocivas praxes, onde a vaidade, erigida no pedestal da lisonja, a desvia das suas elevadas funções, para manutenção dum orgão sugador que ávidamente absorvia a seiva benéfica que os milhares de associados confiantes entrégavam à sua direcção.

Mais um grito de revolta, logo secundado por uma pequena falange que depressa se tornou legião, arrancou à Sociedade de tão nefastas mãos, e com o consenso geral, nas festas do último aniversário, a substituir os lautos banquetes em que o vinho predominava e em que os dirigentes e apañiguados mutuamente se cunhavam" de lisonjas e blandicias, integraram-se a Sociedade nos salutares princípios altruístas dos seus fundadores, iniciando-se uma obra de renovação social, estreitando as crianças das escolas em laços de fraterna amizade, procurando interessá-las nas festas associativas, que à sua presença tornaria comoventes e sentidas pela sua comunicativa e sá alegría.

Recorda-nos ainda com saudade o ambiente de sensibilidade provocado por tão grandiosa manifestação infantil, onde às crianças, depois de distribuído um delicado *lunch* constituído por cacau com leite, bolos e sandwicheis, além de farta distribuição de calçado, vestuário e brinquedos a todos as crianças, foi entregue ás cércais do edifício para nelas cada escola plantar a sua árvore e de futuro servir de recreio e de escola prática de botânica á legião infantil que a Sociedade educa e instrui.

Foram os primeiros e decisivos passos da comissão de sindicância para fazer regressar a Sociedade ás suas funções de solidariedade moral para que os seus fundadores a instituíssem.

E sempre que se abate um privilégio, em que uma pequena casta benficiosa, com prejuízo geral, surge á malnasição, o ódio, o despeito e o rancor, que encobrindo os principais motivos desses maus sentimentos, pretende exteriorizar uma severa critica a quem repõe no seu verdadeiro lugar os destinos da Sociedade.

Esta obra foi colossal, e por isso mesmo ninguém teria coragem de a derruir completamente, embora fosse esse o desejo oculto de alguns. E por isso no último domingo, a actual comissão administrativa, segundo o critério da comissão de sindicância, copiando-lhe mesmo os processos, fez uma festa infantil, que em muito poderia exceder o brilho que teve, se não fôr um suggestionado despeito que a levou a proceder imprudentemente.

Nunca as últimas assembleias havia-se voltado á celebração da festa da criança no próximo mês de Maio, para a qual se votou a verba de 3.000 escudos. Os esforços e energias empregadas para a festa que se realizou no domingo último, conjugados com as que se fôr de empregar para a festa da criança, imprimiram á esta um maior brilho, que a dispersão de energias não conseguiu emprestar á festa de domingo. E se não vejamos, a's crianças apenas foi distribuída uma sandwiche, e enquanto se deram prémios ou brindes a 300, as restantes 2.000 ficaram a olhar entristecidas o esquecimento a que as votaram.

E essa tristeza das crianças comunicou-se ao nosso sentimento, quando vimos as cércais abandonadas de qualquer cuidado, cheias de herva e ávara privadas das crianças, que naquele domingo poderiam recrear-se beneficiamente naquele belo recinto.

E' que alguém pela comissão administrativa, havia dito que as obras de terraplenagem foram um êrro da comissão de sindicância, e para dessa forma manifestarem o seu ódio aos membros da mesma comissão, na pretensa justificação desse êrro, atingiram indirectamente as pobres crianças, que têm com os despeitos dos homens.

Mas prossigamos na obra de moralização de costumes dentro da Sociedade, fazendo vêr aos que a administram, que têm uma função mais elevada, quando aceitam os lugares de dirigentes, do que a exibição de ruins sentimentos, que se não coadunam com os elevados princípios de solidariedade moral com que os seus fundadores allergaram tão benéfica obra.

Julgamento

Os manipuladores de pão ontém julgados foram absolvidos

No 1º distrito criminal prosseguiu ontem o julgamento dos operários manipuladores de pão, José Marques Teixeira, Domingos Pereira, José de Brito Pereira e Fernando Carvalhais, acusados de estarem implicados na morte de Manuel Costa, caixear da parada da rua de São Cristóvão.

Foram todos absolvidos e postos em liberdade, ficando presos, por juntarem falso Arthur Mota e Eduardo Nunes da Silva, testemunhas de acusação.

Eram advogados de defesa os drs. srs. Ramalho Curto e Sobral de Campos.

Durante o julgamento foram tomadas rigorosas e exageradas medidas de precaução.

A 1ª esquadra de polícia — Governo Civil — entrou de prevenção rigorosa às 13 horas. Pelas ruas próximas do tribunal estendiam-se patrulhas debradas de cívicos, comandados pelo cabo Nazaré.

Dentro do edifício as medidas de prevenção não eram menos aparentes. Muitos cívicos, muitos agentes, à paisana.

Retardou-se um pouco a abertura da sessão porque faltava uma força da G. N. R. requisitada na véspera para manter a ordem na sala da audiência. Como essa força não aparecesse o juiz substituiu-a pela guarda do edifício.

1.º DE MAIO

As delegacias da C. G. T. às manifestações da província

S. B. de Messines, Faustino Ferreira; Silves, Manuel Nunes; Portimão, António Monteiro; Olhão, Quirino Moreira; Evora, Aleixo de Oliveira; Ervedal e Extremoz, Alfredo Pinto; São Domingos, Afonso Alves de Lima; Montemor-o-Novo, Antunes Rodrigues; Ponte de Sôr, Virgílio de Sousa; Castelo Branco, M. Viegas Carrascalão; Covilhã, Gonçalves Vidal; Tôrres Novas, M. Ferreira da Silva; Coimbra, Francisco Viana; Pórtio, Delfim Pinheiro; Marinha Grande, Júlio Luís; Setúbal, Santos Arranha e Jerónimo de Sousa; Oeiras, António Marcelino; Cascais, José de Almeida; Tires, Tavares Adão; Almada, Lúcio Costa.

Os delegados que vão para o Algarve, podem partir no comboio da noite, de hoje, pelo que devem comparecer na C. G. T. com a devida antecedência.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Sobre a comemoração do 1.º de Maio este o Secretariado falou com o sr. Vitorino Guimarães, dizendo-lhe que a organização operária tentava comemorar esta data como nos anos anteriores.

Também este Secretariado continua efectuando démarches até à completa libertação dos operários presos sem culpa formada.

No concelho do Cascais

A comissão promotora das manifestações comemorativas do 1.º de Maio no concelho de Cascais, resolveu realizar nesse dia as seguintes sessões: em Cascais, ás 10 horas; Parede, ás 12 horas; Manique, ás 18 horas; Tires, ás 19 horas.

Resolviu anunciar estas sessões por placards que serão afixados nas respectivas localidades.

Nas reuniões referidas devem fazer uso da palavra delegados da C. G. T., F. da Construção Civil e Federação das Juventudes Sindicalistas.

Em Sintra

SINTRA, 28.—Realiza-se no 1.º de Maio, na sede do Grupo Foot-Ball Estrela, uma sessão pública promovida pelo Sindicato C. G. T. O. para a comemoração do 1.º de Maio, devendo todos os componentes do mesmo assistir ao comício referido.

Fragatelhos do porto de Lisboa

Reuniu a direcção deste sindicato deliberando aderir ao comício organizado pela S. O. para a comemoração do 1.º de Maio, devendo todos os componentes do mesmo assistir ao comício referido.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Na conferência que a comissão delegada deste organismo ontem efectuou com o director da Secretaria do Senado foi por este senhor declarado que a proposta de reforço à verba para as obras do Estado irá à assinatura presidencial logo que tenha o visto do presidente do Senado.

Também a mesma comissão entrevistou ontem o sr. Craveiro Lopes, engenheiro das Obras das Casas Económicas da Ajuda e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa. As démarches prosseguem hoje.

Do estatuto confederal

CAPÍTULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

2.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elaboração constante da sua constituição.

3.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salarial e do patronato, e posse de todos os meios de produção.

4.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo á sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

5.º — Atribuir a cada afiliado o direito de participar na vida sindical.

6.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

7.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

8.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

9.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

10.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

11.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

12.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

13.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

14.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

15.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

16.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

17.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

18.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

19.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

20.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

21.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

22.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

23.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

24.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

25.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

26.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

27.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

28.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

29.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

30.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

31.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

32.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

33.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

34.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

35.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

36.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

37.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

38.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

39.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

40.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

41.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

42.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

43.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

44.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

45.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

46.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

47.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

48.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

49.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

50.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

51.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

52.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

53.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

54.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

55.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

56.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

57.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

58.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

59.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

60.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

61.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

62.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

63.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

64.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

65.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

66.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

67.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

68.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

69.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

70.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.

71.º — Organizar a luta contra a exploração do trabalho.